

150 ANOS DE FOTOGRAFIA

Um clic na história

No verão de 1827, Nicéphore Niepce, um oficial aposentado do Exército francês, conseguiu, através de um mecanismo artesanal, gravar a imagem de uma casa de pombos construída sobre um telhado. Foi a primeira foto de que se tem notícia, mas de tão rara e rudimentar não chegou sequer a obter reconhecimento oficial. Somente em 1839 — doze anos depois, portanto —, a Academia de Ciências da França anunciava ao mundo o nascimento da fotografia. O invento extraordinário foi imputado a outro francês, Louis Daguerre, que efetivamente obtivera resultados mais consistentes que seu contemporâneo Niepce. Mas ao conseguir fixar, pela primeira vez, uma realidade visível sobre uma chapa de metal, Niepce não tinha idéia de que estava ingressando na reduzida galeria de gênios da humanidade. E nem de que estava na origem de uma das maiores revoluções da nossa história. A partir daquele advento espetacular na romântica França da primeira metade do século 19, a fotografia não parou mais de crescer, e nem de se desdobrar em outras técnicas e artes. Como uma testemunha implacável do tempo, dos fatos, da vida.

Da janela acima, Niepce fez a foto pioneira (no alto), hoje imortalizada no seu museu.



Annebique Sygma



Annebique Sygma



Annebrique: Sygma



À esquerda, uma das primeiras fotos pelo daguerreótipo. A nitidez do processo influenciou para que, dois anos depois, o invento de Daguerre (acima) fosse oficializado. À direita, a primeira foto de um homem engraxando o sapato, em Paris (1839). Por movimentarem-se muito, o engraxate e as carruagens flagrados por Daguerre sumiram da paisagem.



Annebrique: Sygma

Em frente ao museu de fotografia que leva o seu nome em Chalon-sur-Saone uma estátua de Nicéphore Niepce, considerado o inventor *de fato*. Ao lado, exposta no museu, a primeira foto obtida em positivo por Niepce em 1822: uma natureza-morta que levou 8 horas para ser revelada em uma solução de betume-da-judéia com óleo animal sobre uma base de vidro.



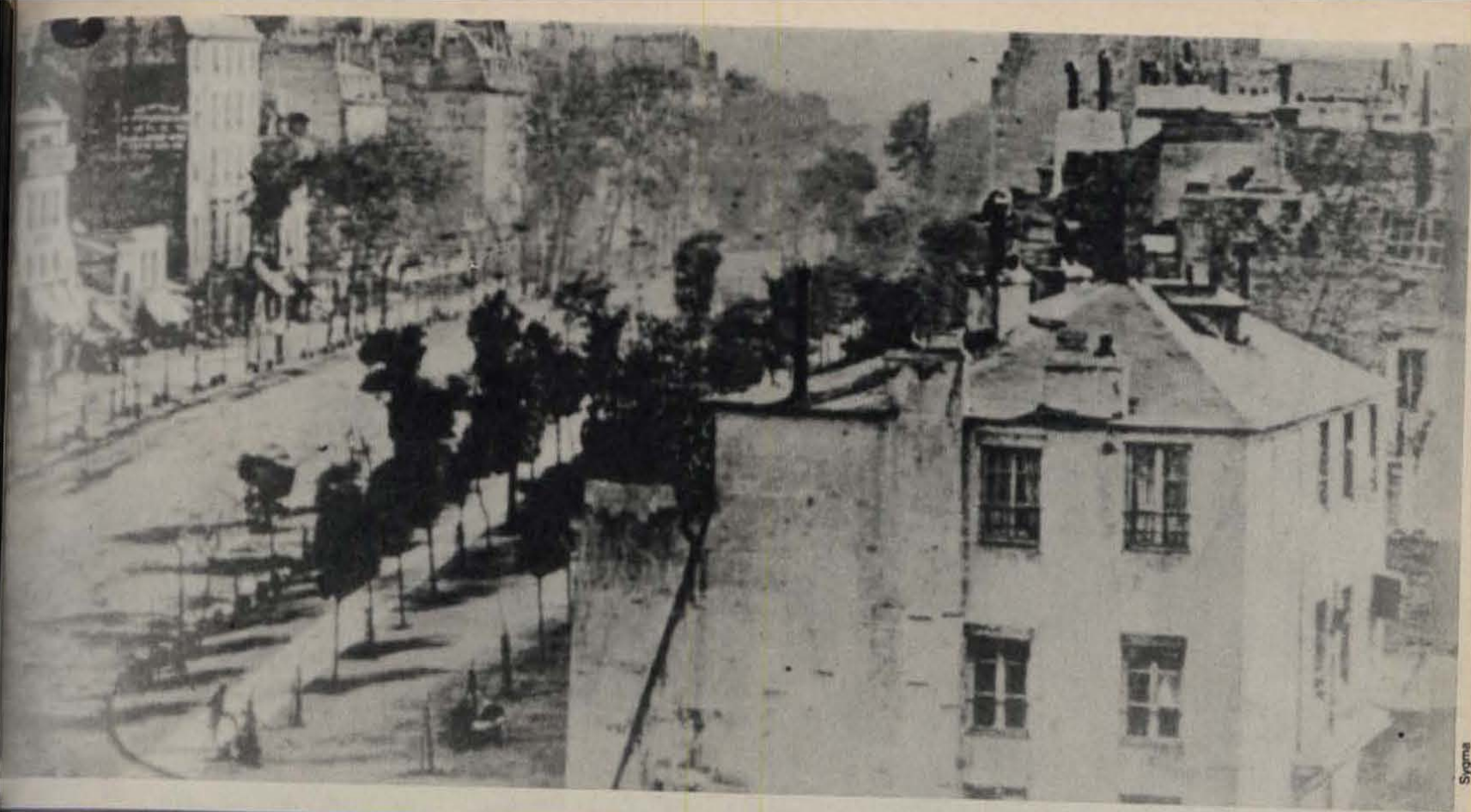
Annebrique: Sygma



Sygma

NA FRANÇA, O BERÇO (E O FOCO) DOS PIONEIROS

Pelo processo de tricromia, o médico Louis Ducos de Hauron (acima, fotografado por Nadar) obteve a primeira foto a cor, em maio de 1869. O método descoberto há 120 anos permanece como base da impressão fotográfica a cores. A imagem (de 1875) é de Agen, terra natal do autor.



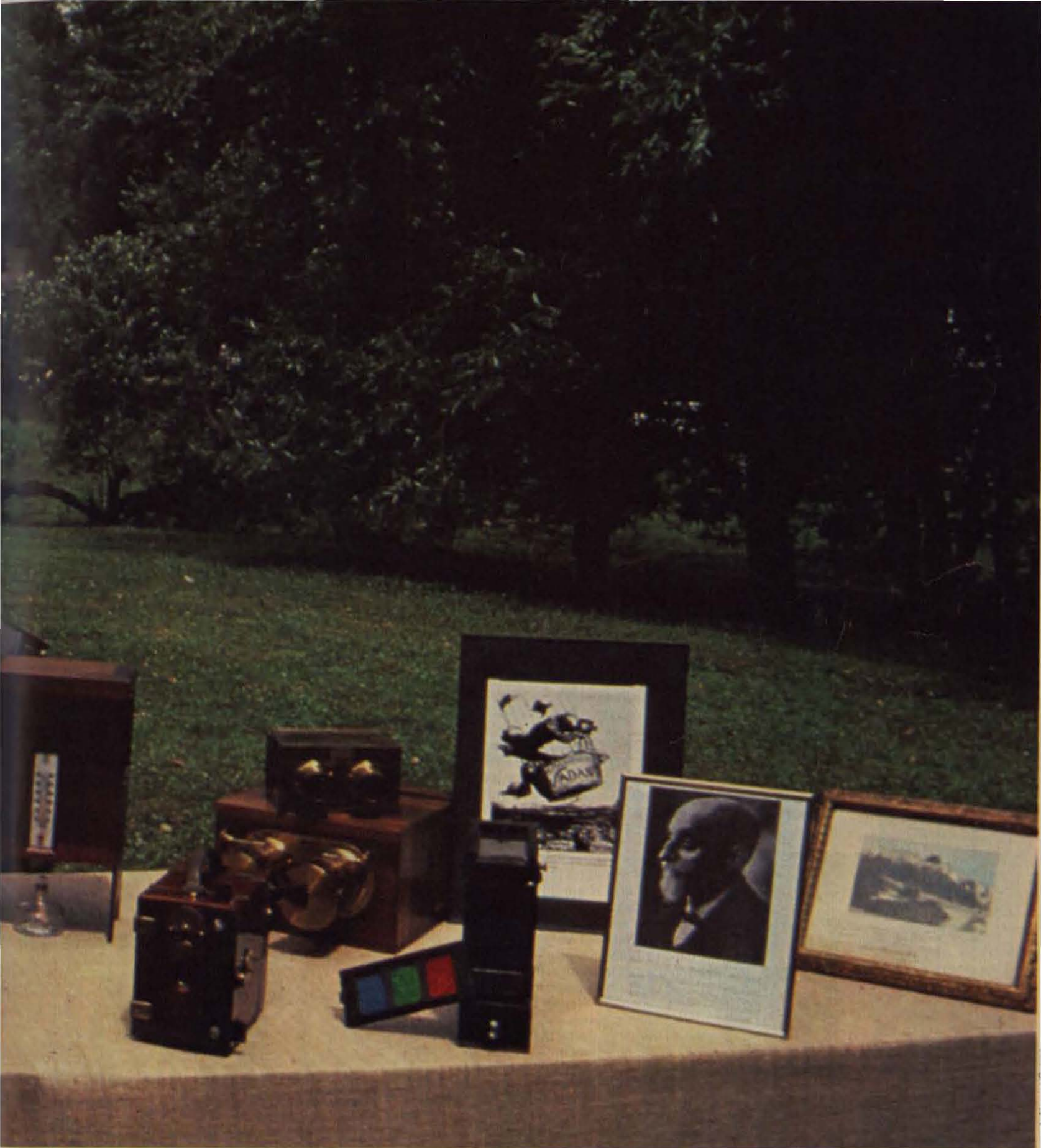
Sygnia





**NA FRANÇA, UM MUSEU GUARDA
AS PRECIOSAS RELÍQUIAS
DA DAGUERREOTIPIA**

Jean Fage (sentado), o fundador de um dos maiores museus de fotografia do mundo, em Bievres, próximo a Paris, expõe com orgulho relíquias do tempo do daguerreótipo, na fase pioneira do invento que ele mesmo define como "uma ciência, uma técnica e uma arte". A partir da esquerda, um retrato de Niepce; uma caixa de chapas de metal, o primeiro



filme; o busto do inventor oficial, Louis Daguerre; à sua esquerda, os primeiros nus da história; em frente ao busto, um conjunto primitivo de revelação sobre chapas metálicas; no centro da exposição, o primeiro aparelho daguerreótipo (1839), considerado a primeira câmara; à frente, uma gaveta para processamento das chapas; na altura do ombro es-

querdo de Fage, um armário para revelação das chapas a vapor de mercúrio, o primeiro laboratório fotográfico; a primeira máquina de fotorreportagem, a *Express Détective*, de Nadar (1890); atrás, dois visores estereoscópicos para observação da terceira dimensão; na frente da mesa, o melanocromoscópio para tricromia, de Hauron (1870); Nadar elevando

a fotografia ao *status* de arte, num flagrante de Daumier (1858); o inventor da foto a cor, Hauron, em retrato; e uma tricromia do próprio Hauron: a *Casbah da Argélia* (1884). De pé, o conservador do museu de Bievres, André Fage.

Henry Talbot

IMAGENS PARA INGLÊS VER



William Henry Fox Talbot e um dos seus inventos. O *portrait* é de Moffat of Edinburgh, 1864.

Os ingleses estão comemorando como poucos os 150 anos da fotografia. É que para eles o autor do invento não foi Daguerre e muito menos Niepce, mas um *Englishman* chamado William Henry Fox Talbot. Por uma estranha coincidência, Daguerre e Talbot anunciaram na mesma época, separadamente — janeiro de 1839 —, detalhes de suas descobertas, mas, na versão dos ingleses, somente a invenção do processo negativo/positivo de Talbot ultrapassou a barreira do tempo, tornando-se a base da fotografia moderna.

O velho casarão onde Talbot teria levado a cabo seus experimentos, em Lacock Abbey, próximo a Londres, foi transformado no The Fox Talbot Museum e é onde as festividades comemorativas se concentram. Talbot criou o *talbótipo*, o seu processo fotográfico negativo/positivo. Um negativo de papel translúcido era exposto na câmera e revelado numa solução de ácido gálico e nitrato de prata, e fixado em brometo de potássio. Os positivos, em seu processo, eram obtidos por contato através da exposição à luz do sol numa prensa especial. Entre 1841 e 1851 este processo *talbótico* foi bastante popular, sendo empregado até 1860.

No museu, instalado elegantemente nas dependências da velha abadia do século 16, está exposta à semelhança de Biévrès, uma quantidade convincente de câmeras antigas, algumas construídas pelos marceneiros locais com base em documentos antigos. No museu Fox Talbot encontramos também o primeiro livro do mundo ilustrado com fotografias, *The Pencil of Nature*, publicado pela primeira vez em 1844. Mas as fotos originais de Talbot — tiradas entre 1841 e 48 — são a grande vedete da exposição que prosseguirá por todo este ano.

Em Bath — a apenas sete quilômetros do Museu Fox Talbot —, a Royal Photographic Society — a mais antiga do mundo, fundada em 1853 — está promovendo palestras, cursos e exposições durante todo ano. Nada menos que 140.000 visitantes já percorreram o roteiro medieval entre o museu de Lacock e Bath, numa verdadeira peregrinação cultural.

Também em Bradford — ao norte de Londres —, o National Museum of Photography, Film and Television promove duas exposições de peso sobre fotojornalismo, com a participação de *feras* da fotografia moderna, como Raymond Depardon, Werner Bischoff, Henri Cartier-Bresson e outros. No mesmo local, a Kodak promove uma mostra sobre a evolução das películas e equipamentos de 1839 até hoje.

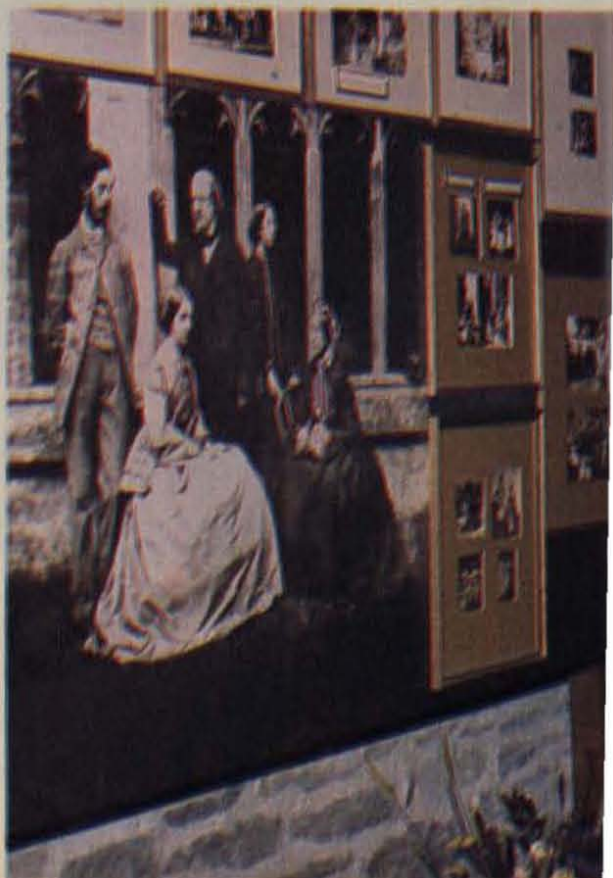
Londres não poderia ficar para trás, e é na Twentieth Century Gallery, do Victoria and Albert Museum, que a fotografia é homenageada em sua explosão contemporânea: a fotografia da era do vídeo, as magníficas campanhas publicitárias, o fotojornalismo incisivo, a moda sedutora, o retrato forte em trabalhos dos maiores fotógrafos do mundo, reunindo ingleses, franceses, alemães, americanos, japoneses e um brasileiro, o fotógrafo Sebastião Salgado, da agência Magnum, radicado em Paris. Um *show* de imagens para ficar na história. *Reportagem e fotos: J. L. Bulcão (Via BTA/British Airways)*

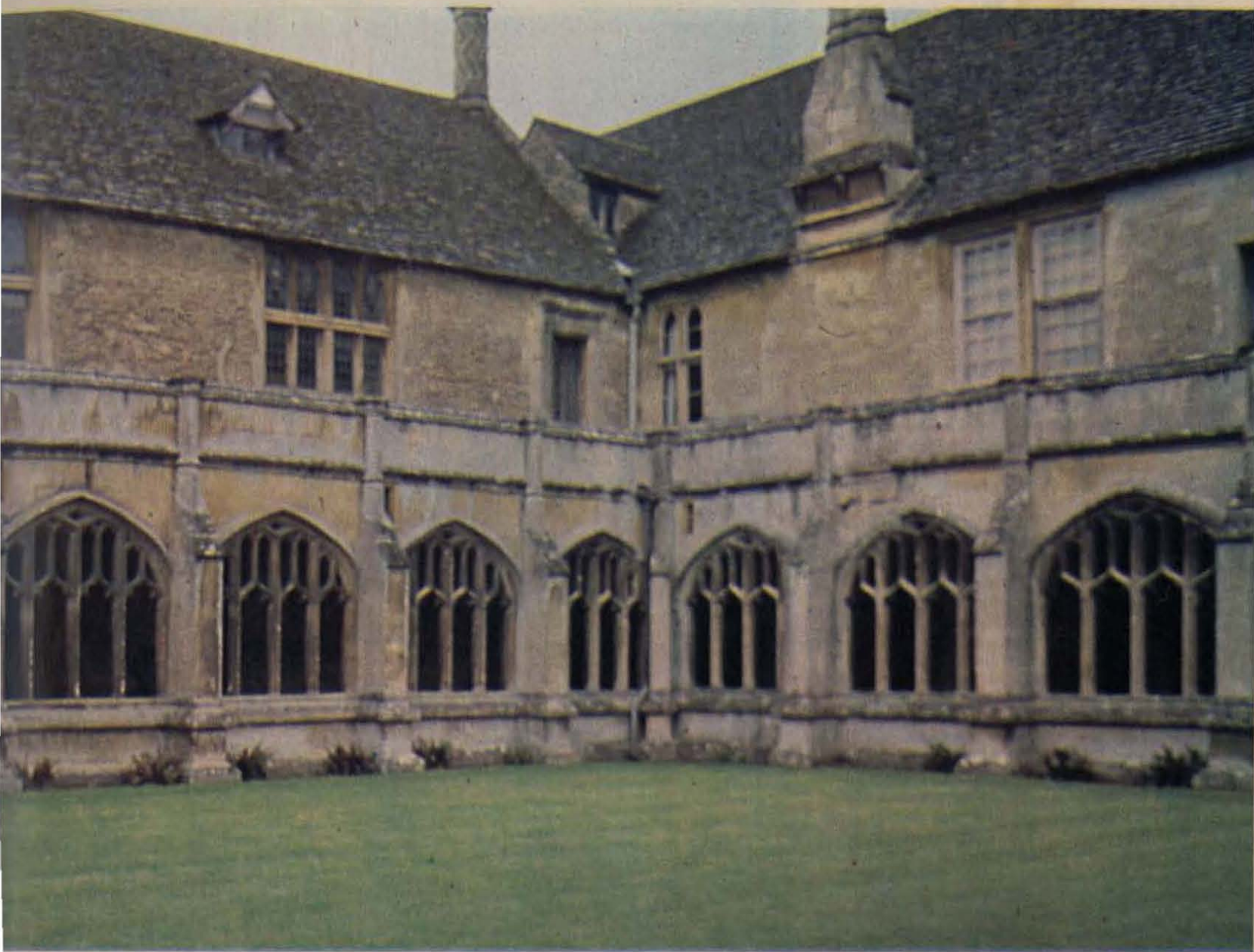


Talbot foi o inventor do negativo, que permite multiplicar a foto em quantos positivos se quiser. Neste calótipo, de 1840, uma anônima posou para ele.



A Lacock Abbey, do século 16, foi o lar de Talbot e lá ele

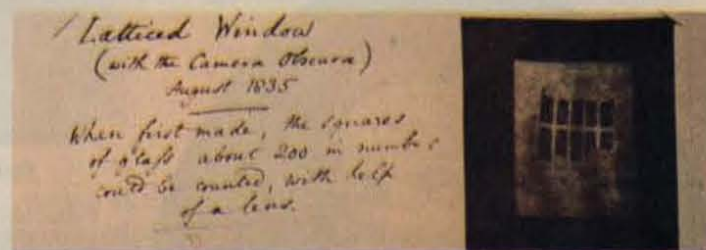




diversas de suas experiências. Só este ano, 140 mil pessoas foram ver uma exposição no Museu Fox Talbot, que fica nas proximidades.



Este retrato de Talbot, feito por um artista desconhecido de Lacock Abbey, está no Victoria and Albert Museum, de Londres, junto a outros trabalhos do inventor. A esquerda, ao alto, retrato de uma janela de Lacock Abbey (sobrevivente dos primeiros negativos, de 1835) e a mesma janela vista pelas câmeras modernas.



Hercules Florence

A FOTOGRAFIA NASCEU NO BRASIL

Até há pouco, dizia-se que o inventor da fotografia foi o francês Daguerre, criador do daguerreótipo, embora antes dele já houvesse uma descoberta importante, como a do também francês Nicéphore Niepce. Agora, surge outra versão: a fotografia foi inventada no Brasil, por um terceiro francês, Hercules Florence, que até lhe deu o nome: o substantivo *photographie* e o verbo *photographier*. Foi em 1839 que Daguerre anunciou oficialmente ao mundo a sua invenção. Seis anos antes, em 1833, Hercules já realizava sua primeira fotografia através da câmara escura — que seria o embrião da máquina fotográfica.

Em depoimento a MANCHETE, o Professor Boris Kossoy, um pesquisador que tem fotos nas coleções permanentes no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e outras instituições de renome internacional, lembra que Hercules Florence chegou ao Brasil em 1825 e participou da expedição Langsdorff, que percorreu o interior do Brasil com patrocínio do governo imperial russo. De volta à São Paulo, casou-se com a brasileira Maria Angélica Alvarez Machado de Vasconcelos, e se instalou em Campinas, por volta de 1830. Era desenhista de grande talento, desenvolvia uma série de invenções e procurava processos alternativos de impressão. Foi quando o boticário Joaquim Correia de Melo, então com 16 anos, lhe informou que os sais de prata escureciam quando expostos à luz. "Esta dica foi fundamental para as pesquisas de Hercules", conta o Professor Kossoy.

"Em 1833, ele realiza a primeira fotografia através da câmara obscura. Passa a fazer textos



Hercules Florence, em foto tirada em São Paulo, já com equipamentos e métodos europeus. Depois de 1839, ele cessou suas pesquisas.



Marcos Muzzi

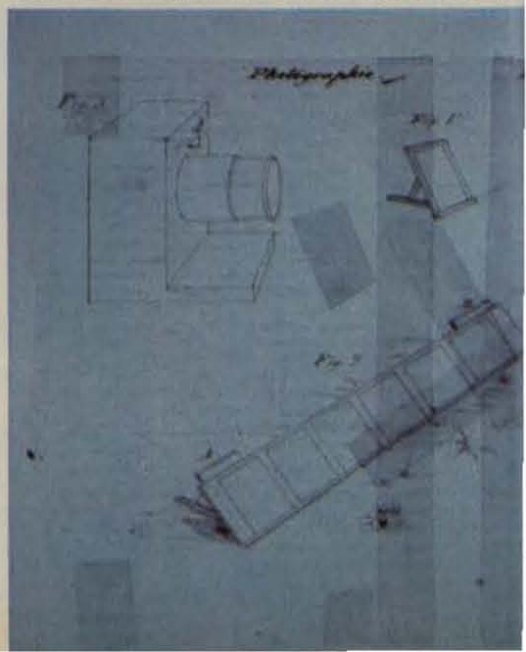
Boris Kossoy e seus documentos sobre Hercules Florence. Suas pesquisas levaram ao reconhecimento

e desenhos em placas de vidro e copiá-los em contato com papel sensibilizado com sais de prata e até com cloreto de ouro. Um material deste período que sobreviveu foi a cópia de um diploma maçônico (o sogro dele, Alvarez Machado, era grão-mestre da maçonaria.)

"Nós comprovamos também o fato de Florence ter inventado o termo *fotografia* em janeiro de 1834. Daguerre intitulou sua invenção de daguerreotipia; Talbot — que os ingleses consideram o inventor da fotografia — chamou-a *talboty*. Cada um deles quis colocar seu nome na história. Niepce intitulou sua invenção de heliografia, impressão pela luz do sol. E Florence chamou-a fotografia, impressão pela luz."

O Professor Boris Kossoy explica que a história de Hercules Florence permaneceu desconhecida, sem uma pesquisa que a comprovasse. "Florence, por exemplo, empregou a urina como fixador, devido à amônia que existe nela. Emprega também o amoníaco — a amônia é um fixador perfeito. O próprio Daguerre não tinha conseguido um fixador bom; ele usava sal de cozinha."

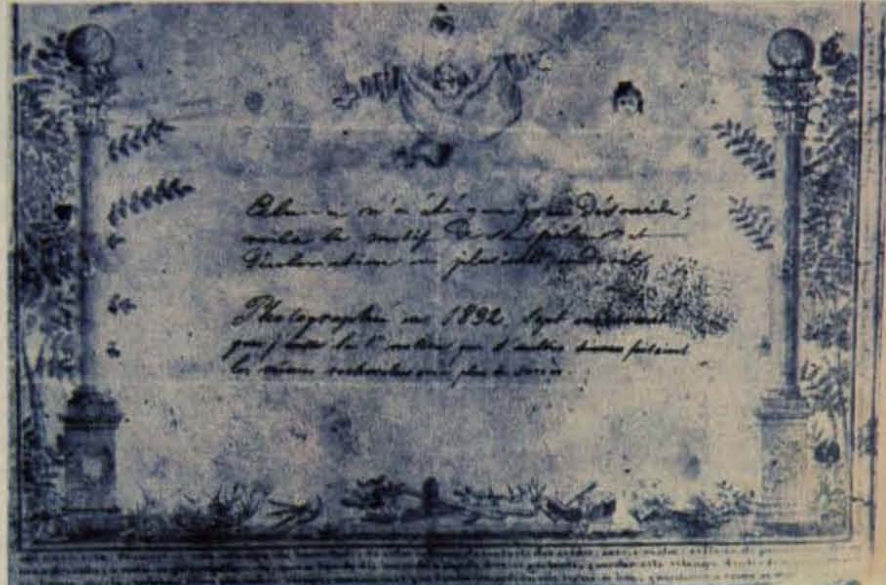
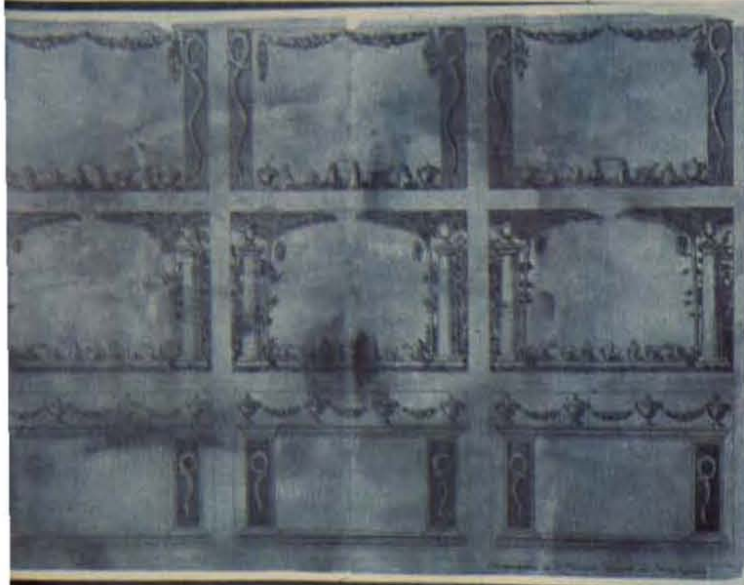
Croquis dos equipamentos criados por Florence, c





...dial de Florence como o inventor da fotografia, seis anos antes que surgisse a daguerreotípia.

...ra *photographie*; reprodução de diplomas (embaixo, à esquerda, está escrito que Florence é o inventor da fotografia);diploma da maçonaria, reproduzido em 1832.



Quando as pesquisas do Professor Kossoy começaram a ser divulgadas mundialmente, houve uma polêmica enorme. "O ano de 1976, quando ocorreu o 3º Simpósio Internacional da História da Fotografia, em Nova Iorque, foi o primeiro grande passo para isso. Antes, eu havia solicitado à Universidade de Lorchester, por seu Instituto de Tecnologia, que repetisse as experiências de Florence. E elas foram feitas com cloreto de ouro, usando urina, cloreto de prata e amônia como fixador. E tudo funcionou perfeitamente. Foi uma verdadeira *bomba* nesse simpósio internacional, pois a descoberta estava *selada*, cientificamente comprovada e acompanhada dos manuscritos originais de Hercules e das cópias fotográficas que sobreviveram."

A partir de então, houve uma repercussão mundial das pesquisas de Boris Kossoy e do trabalho de Hercules Florence. "Eu já fui convidado a fazer conferências em vários países da América Latina, Estados Unidos, Alemanha, França, Itália. Até no Japão e União Soviética repercutiram publicações sobre este trabalho. O nome de Hercules Florence aparece agora nas principais obras de referência mundiais sobre a história da fotografia: referências ao seu nome, a ter sido ele o primeiro a chamar a técnica de *fotografia* e a ter havido uma descoberta independente no Brasil, mantida no anonimato."

Abrindo os festejos dos 150 anos da invenção de Daguerre, o Ministério da Cultura da França organizou, em outubro do ano passado, um grande congresso especializado sobre a invenção da fotografia. O congresso foi intitulado *As múltiplas invenções da fotografia*. Boris Kossoy conta: "Passou, então, a haver uma abertura na área, pois você pegava a enciclopédia e aparecia somente Daguerre. Hoje, o mundo reconhece — e oficialmente a França — que existem vários inventores que ao mesmo tempo desenvolveram processos diferentes, com o mesmo objetivo de fixar as imagens através da fotografia. Nesse congresso, temos o reconhecimento oficial de Hercules Florence, que saiu das conversas científicas de bastidores para as enciclopédias."

Foi em 1832 que Hercules teve pela primeira vez a idéia de que era possível imprimir pela luz. Em 15 de janeiro do ano seguinte, ele fez sua primeira anotação sobre o assunto. Já fazia fotografias quando soube, pela imprensa, que Daguerre lançara sua invenção. "Hercules Florence não assumiu posição reivindicatória", conta Boris Kossoy. "Parou com seus experimentos." Passaram-se 96 anos antes que o mundo o redescobrisse.



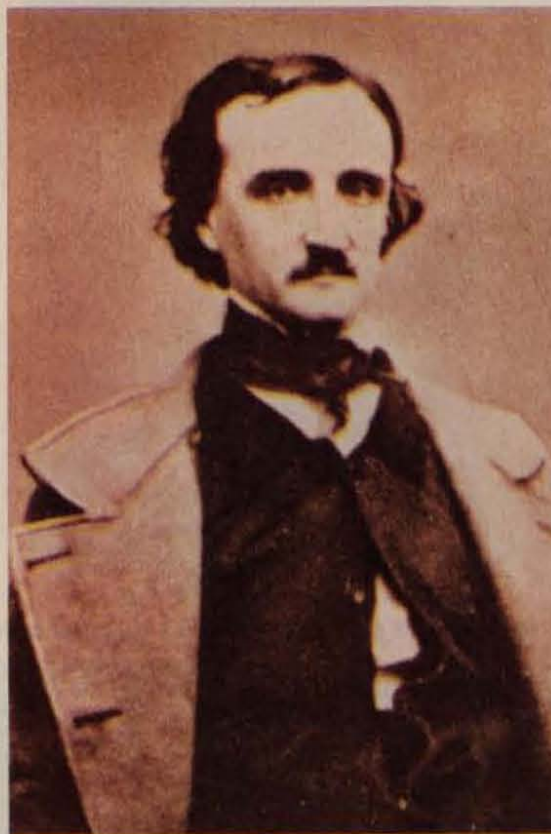
A grande atriz Sarah Bernhardt em 1870.



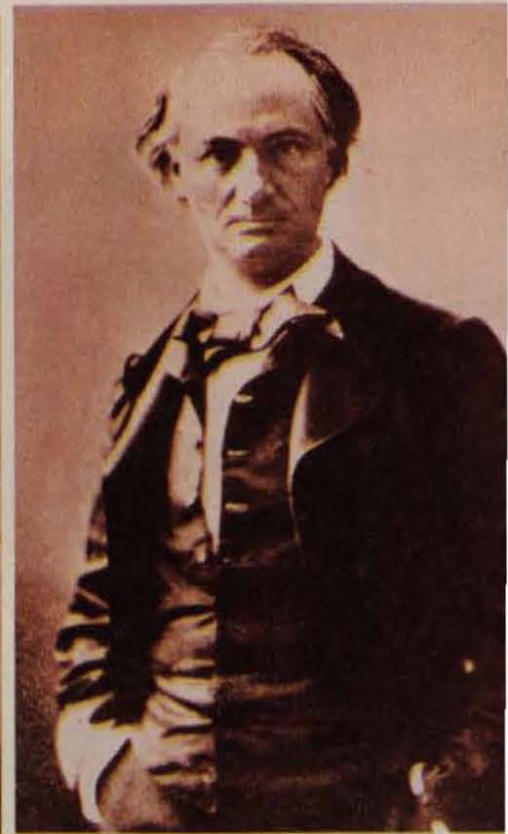
A escritora George Sand, por Nadar.

NOS RETRATOS DO SÉC. 19, O QUE OS PINTORES NÃO CAPTAVAM

Nadar na nacela do balão que ele construiu em 1866. Embaixo, o clichê que registrou o estudo do Prof. Duchenne (1853) sobre o estímulo facial em um paciente cataléptico: a foto se torna aliada da Medicina.



Edgar Allan Põe, em daguerreótipo de 1848.



Charles Baudelaire colhido por Nadar.



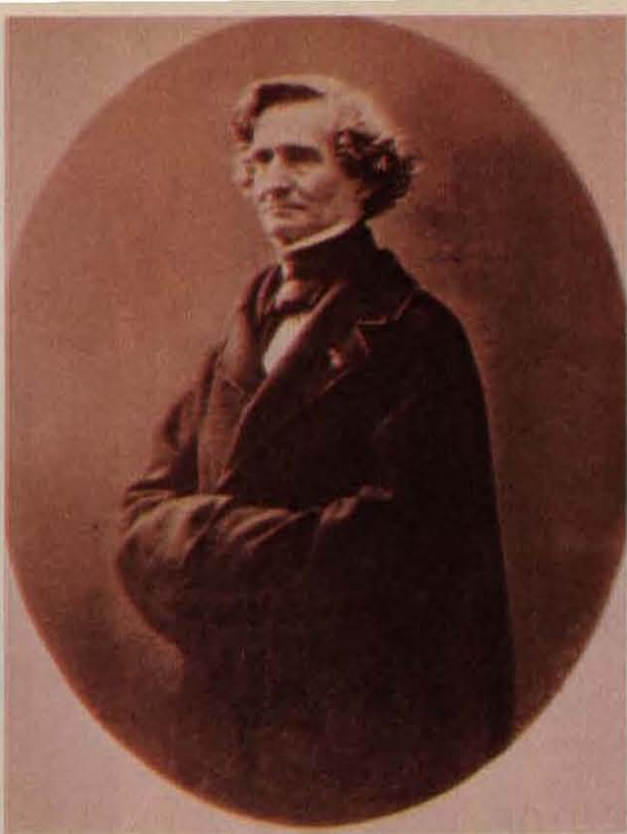
Memórias do Gigante, Sob o Incêndio, a Paixão de N.S. de Gambetta... Como romancista, Félix Tournachon (1820-1910) teve o destino dos escritores menores: não conseguiu sobreviver nem em seu próprio tempo. Mas quando se fala em Nadar — o pseudônimo por ele adotado ao chegar a Paris em 1842, proveniente da Lyon natal —, os amantes da fotografia sabem que, pelo menos nesse campo, Félix Tournachon foi genial.

Escritor, pintor, jornalista, caricaturista (charges vitriólicas em *Charivari*, *Journal pour*

Rire), contista, afabulador e personagem de aventuras extravagantes, Nadar não podia ficar imune à sedução da nova técnica de captação instantânea da realidade. Espírito alerta e aberto a todas as experiências, Nadar sentiu que a fotografia abria um vasto e novo horizonte iconográfico, especialmente para a comunicação. Disposto a explorar o novo filão, Félix criava em 1854 um estúdio fotográfico para alimentar a publicação *Pantheon-Nadar*, especializada na produção de *portraits* das celebridades da época. Graças



O compositor húngaro Franz Liszt.



O compositor Hector Berlioz no estúdio de Nadar.



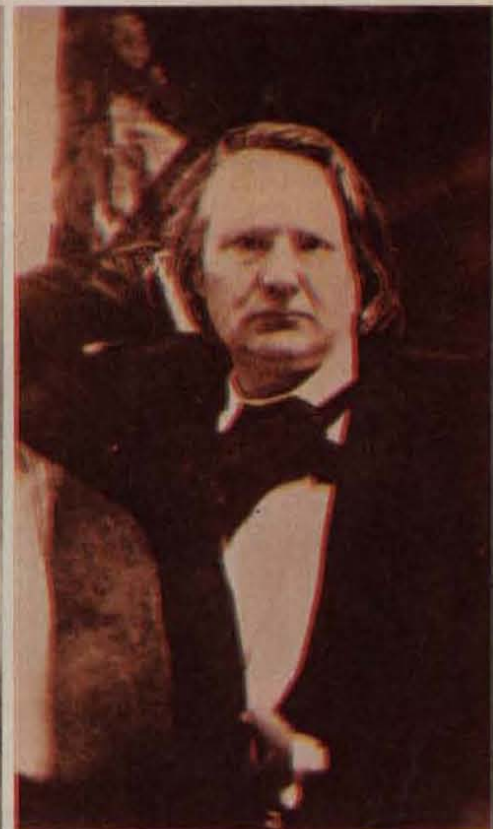
O alemão Richard Wagner imortalizado por Nadar.



Charles Dickens, daguerreótipo de Unbek, 1843.



Honoré de Balzac: foto de lambe-lambe, de 1842.



Vitor Hugo, no exílio, em Jersey, 1853.

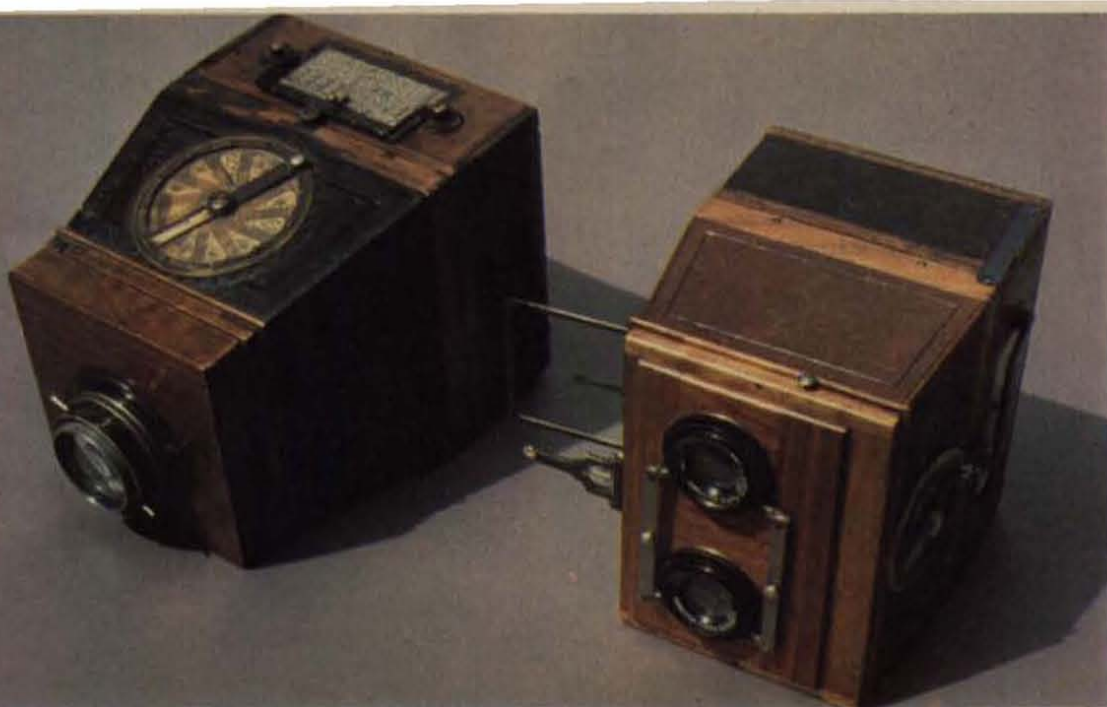
à galeria de notáveis veiculada na revista, escritores como George Sand e Charles Baudelaire, músicos do calibre de Franz Liszt, Hector Berlioz, Richard Wagner e outros personagens da crônica mundana e política da época puderam ganhar rosto para milhões de curiosos. Consciente do novo filão, Nadar uniu o gosto pela foto à paixão pelos aeróstatos; são dele as primeiras vistas aéreas da história da fotografia.

Nadar foi um dos primeiros a se dedicar à fotorreportagem, e muitas de suas mais reveladoras chapas foram publicadas na magnífica

revista *L'Illustration*, a primeira e magnífica grande janela aberta para o mundo. Graças a essa publicação e ao mecenato do banqueiro Albert Khan, equipes de fotógrafos acompanharam arqueólogos, naturalistas, etnólogos e exploradores às mais remotas regiões do mundo para tornar finalmente reais — via foto — as maravilhas e exotismos que antes somente o desenho e as palavras colocavam ao alcance de todos. A transcrição da realidade com suas tintas verídicas mudou o modo de se ver e entender o mundo e os homens. Os teste-

munhos finalmente ganhavam corpo e veracidade.

Nadar foi um dos primeiros a perceber que a humanidade entrava com a foto na Civilização da Imagem. Após desastrosa aventura financeira no campo dos aeróstatos, Nadar só conseguiu recuperar a saúde econômica ao voltar para o estúdio fotográfico. Suas impressões sobre a nova arte foram registradas em *Quand j'étais photographe* (1900), a obra de referência fundamental na História da Fotografia.



A câmera Sigriste, de 1900, com estereoscópio para movimentos rápidos: uma das peças do museu de Bievres, França.

EM UM SÉCULO E MEIO, A EVOLUÇÃO DAS CÂMERAS FOI DE ALGUNS ANOS-LUZ

Talvez em nenhum outro setor da arte fotográfica, a evolução tecnológica tenha galgado passos tão impressionantes quanto nas câmeras, a chamada máquina de retrato. Dos primeiros daguerreótipos, verdadeiros fósseis da era pioneira, onde a chapa era batida e revelada dentro do aparelho — e que tem nos simplórios lambe-lambes um remanescente —, às sofisticadas câmeras digitais eletrônicas, o avanço industrial foi um dos responsáveis pelo extraordinário desenvolvimento das comunicações de massa no século 20. A fotoreporta-

gem, nascida com Nadar em cima de um balão, ganhou seu impulso com o aparecimento da Leica, a contribuição decisiva dos alemães, em 1925, que se tornou a câmera de fotojornalismo clássica, em seu modelo revolucionário de 35mm. De reduzidas dimensões, a Leica, antes de seduzir fotógrafos do porte de Henri Cartier-Bresson, foi usada como máquina de espionagem pelos nazistas de Hitler.

No Brasil, a Rolleiflex, mais pesada e no formato 6x6, foi sempre a preferida de nossos fotógrafos. Até que apareceu por aqui a sueca

e incomparável Hasselblad — também em 6x6 —, que se tornou o símbolo de qualidade máxima na arte de fotografar. Uma espécie de Rolls-Royce da fotografia. Munida de lentes alemãs, a Hasselblad ampliou sua celebridade ao ser enviada pela NASA junto com a missão Apollo que primeiro pisou o solo lunar.

Uma Hassel foi a testemunha *in loco* do feito histórico, sendo também a responsável pela primeira foto de nosso planeta obtida da Lua, comprovando, com a sua qualidade imaculada, que a Terra é azul.

Com a velocidade dos fatos e das comunicações, os japoneses entram em cena e, importando engenheiros alemães, produzem modelos automatizados de câmeras 35mm, tendo a velha Leica como inspiração. Além da Yashica, os nipônicos avançaram com a Olympus, a Pentax, a Nikon e a Canon.

Na acelerada evolução da fotografia, um passo importante é atribuído à Polaroid: as câmeras de revelação automática e instantânea que revolucionaram, mais uma vez, o hábito de fotografar.

De Nicéphore Niepce ao fotógrafo dos anos 90; dos daguerreótipos às digitais japonesas — passando pelas câmeras descartáveis —, a fotografia andou e o *clac* que já dura 150 anos praticamente não conhece mais limites.



O retrato de Louis Lumière, junto ao cinematógrafo



Em Bievres, a primeira Leica (1925) e uma Olympus Autofones (1988). Abaixo uma microcâmera de espionagem.



A fase artesanal com todo seu encanto. A câm



Finaliza a nova era. A primeira Polaroid (com flash) posa ao lado de outras estrelas como a Gaumont, a Leica, Rolleiflex, Hasselblad e outras.



o fotógrafo de Nadar (no alto, à esquerda) é a mais antiga (1860). A fotostera do Explorador, de curioso design, é de 1888 (ao centro na fila da frente).

NO BRASIL, O PRETO E BRANCO GANHOU SANGUE AZUL: O IMPERADOR FOI O PIONEIRO

A história da fotografia no Brasil começa com duas surpresas para os não-iniciados: o primeiro fotógrafo nascido no país chamava-se Dom Pedro II, e a também fotografia se revelou em terras brasileiras. O imperador foi introduzido nas artes da daguerreotipia pelo abade francês Louis Compte, em janeiro de 1840, quando teve sua maioridade decretada para que pudesse assumir o trono. Compte é tido como o introdutor da fotografia no Brasil, mas seis anos antes que chegasse ao Rio, a bordo da fragata *L'Orientale*, outro francês, Antoine Hercule Romuald Florence, isolado na Vila São Carlos (atual Campinas), interior de São Paulo, já inventara a fotografia. Florence, entretanto, era um gênio tão dispersivo, dedicando-se a tão múltiplas atividades, que acabou desprezando seu invento. Com muito espanto, soube, tempos depois, que a fotografia fora inventada também na Europa. Em 1834, ele já utilizava o substantivo *photographie* e o verbo *photographier*, muito antes que Sir John Herschel os sugerisse.

Com menos de 15 anos, Dom Pedro II já tinha uma aparelhagem completa de daguerreotipia, e mais tarde tornou-se um mecenas da fotografia, atribuindo títulos e honrarias a diversos fotógrafos. Foi ele o responsável pela preservação de grande parte

da nossa memória fotográfica do século 19. A fotografia alcançou grande expansão no Brasil, embora em ritmo mais lento que na Europa e Estados Unidos. O mais diversificado acervo desses primórdios está na coleção Teresa Cristina, doada pelo imperador à Biblioteca Nacional. As velhas lentes exercitaram a magia de guardar o tempo em imagens que não voltam mais.



Daguerreótipo do Paço do Rio, o primeiro tirado na América do Sul, pelo abade Louis Compte, em 1840. Apesar de documentou os festejos da Lei Aurea.



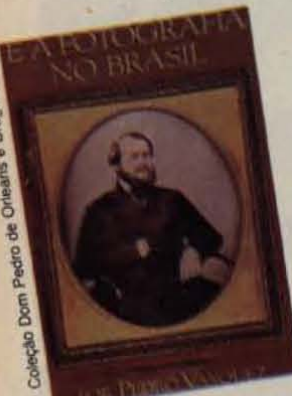
Do livro *Escravidão Brasileira do Século 19*

Camillo Viefan

Comprovadamente, este é um auto-retrato de Dom Pedro II, no palácio de São Cristóvão, Rio, 1855. Nos neg



Coleção Dom Pedro de Orleans e Bragança



Coleção Dom Pedro de Orleans e Bragança



...ses antes havia sido fixada a primeira imagem de um homem; Comte flagrou, pela primeira vez, uma multidão. Em 13 de Maio de 1888, Luís Ferreira



...e Christiano Júnior (segunda metade do século 19), a dignidade de uma raça. E aí está o Rio antigo (1865-70), visto pelas lentes de Camillo Vedani.



Esta imagem da natureza em revolta ganhou o Prêmio Esso de Fotografia, em 1967: bombeiros resgatam uma vítima das enchentes daquele ano, na Tijuca, Rio. E

A FOTO EM MANCHETE: 37 ANOS DE EMOÇÃO

Se desde seus primeiros dias, no século passado, a história da fotografia se associou à História do Brasil, nos tempos modernos muito mais: o dinamismo da reportagem fotográfica tornou-a quase uma parte inseparável dos próprios acontecimentos. E, nestes últimos 37 anos, o que aconteceu virou MANCHETE: em fotos exclusivas documentamos, com estilo próprio, os acontecimentos mais marcantes das últimas décadas desde o drama das enchentes no Rio e o impressionante *formigueiro* de Serra Pelada até momentos de suprema alegria, como a imagem antológica de Tostão, Pelé e Jairzinho comemorando um gol na Copa do Mundo de 70; a dor de dona Yolanda ao lado do Presidente Costa e Silva à morte; a suprema fé no riso de JK; a esperança de dona Risoleta no abraço de um Tancredo Neves que nunca mais se veria sorrir. Nesta magia toda há um fator que supera os avanços da ciência e a precisão das máquinas: o olho e a sensibilidade, que permitem ao fotógrafo aprisionar os grandes momentos.



Orlando Abruñhosa/MANCHETE

Depois de um gol contra a Tchecoslováquia, Tostão, Pelé e Jair festejam. Momento mágico do Brasil em 1970, no México.



Jader Neves/MANCHETE

Última foto do Presidente Costa e Silva em 1969, com Dona Yolanda, no Palácio do Planalto em 17 de dezembro.



Antônio Andrade MANCHETE



Antônio Andrade MANCHETE

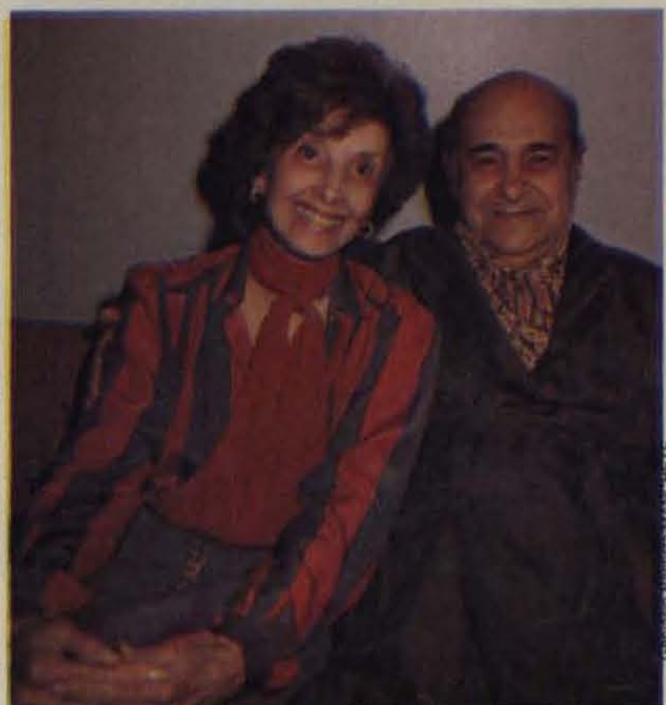
Serra Pelada, 1982, o incessante sobe-desce de homens que vão ao fundo da Terra em busca de ouro, que querem transformar em vida, mas às vezes é morte.



Antônio Andrade MANCHETE



Juscelino Kubitschek e seu otimismo, na primeira árvore caída para a construção da Belém—Brasília, em 1956.



Em 25 de março de 1985, dez dias após a internação de Tancredo Neves, MANCHETE fez a única foto posada do presidente (com D. Risoleta), nos 36 dias da sua doença. Ele morreu em 21 de abril.

...viva em vida, em outubro de ...io Laranjeiras, Rio. Ele morreu



Graças à foto tirada a bordo da Apollo 8 pelo astronauta William Anders, em janeiro de 1969, descobrimos que no espaço a Terra é um belo e delicado planeta azul.



O fotógrafo Lennart Nilsson enviou uma sonda espiã no interior do útero para revelar este feto

DO BEBÊ À BOMBA, O DRAMA DA VIDA E DA MORTE

A foto fez a vista alcançar o inatingível, o impensável, o impossível. Em cada campo do conhecimento, a máquina fotográfica se tornou um precioso aliado e, em alguns casos, a necessidade de captar um determinado momento foi fator decisivo para a conquista de novas fronteiras tecnológicas. A luz estroboscópica é um exemplo. Em 1926, o estudante de engenharia do MIT Harold Edgerton, então com 24 anos, colocou o problema de visualizar o rotor do motor elétrico que investigava: acabou inventando um novo e poderoso feixe de luz capaz de cristalizar a passagem de uma bala por uma maçã à fantástica velocidade de um milionésimo de segundo. Estava inventada a luz estroboscópica que se tornou uma nova e indispensável ferramenta para a ciência. Hoje, aos 86 anos, Edgerton — aliás *Dr. Flash* — continua a desenvolver em sua empresa E6&6 novos usos para descoberta. O sueco Lennart Nilsson é outro pilar das imagens impossíveis. Em 1964 ele começou a desvendar os mistérios da vida através da série de fotos sobre a evolução do feto dentro do útero. Um trabalho que exigiu o aperfeiçoamento de lentes acopladas a fibras óticas. Hoje, graças a ele, o organismo

O flash estroboscópico revelou na chap realizava o primeiro transplante cardíaco

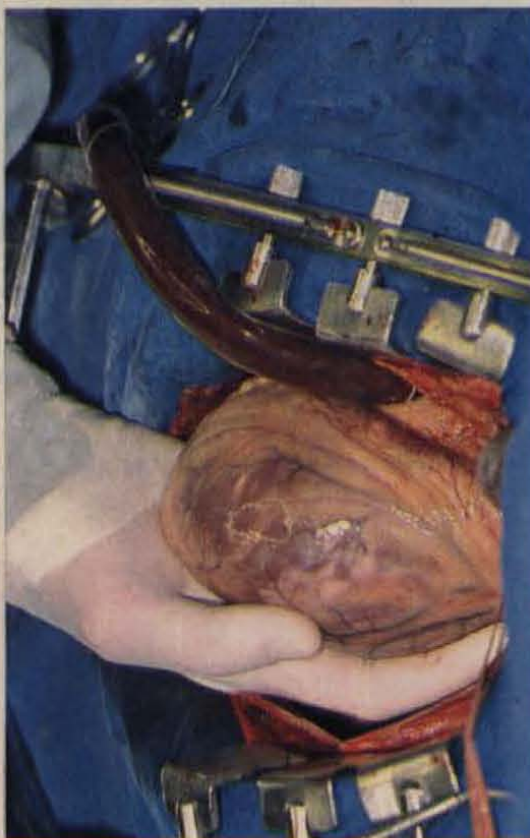


Lennart Nilsson



4.º mês de gestação. Outra imagem de grande força: o cogumelo atômico provocado pela explosão de uma bomba nuclear no atol de Mururoa, no Pacífico.

o que o olho humano nunca poderá registrar: a trajetória de uma bala. E em 1967, o Dr. Barnard
O mundo ficou com o coração na mão.



Jose Castro MANCHETE

humano revela sua intimidade celular, e as fotos se transformam em indispensáveis documentos para a análise do funcionamento dos diversos sistemas biológicos.

Instrumento fundamental para o registro eterno do fugaz, a fotografia conscientizou a humanidade para a gravidade do apocalipse atômico: na imagem do cogumelo produzido pela fusão de elementos nucleares está embutida a mais convincente mensagem de concórdia e paz. Afinal, outra imagem, talvez a mais deslumbrante e comovente conseguida pelo homem, dá a dimensão da fragilidade de nossa casa cósmica. Trata-se da foto *Nascer da Terra*, tirada pelo astronauta William Anders a 10 de janeiro de 1969. Anders foi um dos tripulantes da famosa Apollo 8, a primeira nave a levar o *homem ao cosmo*. O voo histórico não levou nenhum fotógrafo profissional, mas a NASA forneceu câmeras aos tripulantes. Após a oitava revolução do engenho em torno da Lua, William Anders fixou a imagem de nosso planeta visto da Lua. Conta ele em seu livro *The View From the Space*, 1988: "Acredito que foi o *Nascer da Terra* a coisa que mais deslumbrou a todos. Nossa Terra era cheia de cor, bela e delicada contrastando com a superfície enrugada, envelhecida, esburacada e triste da superfície lunar. Viajamos 240 mil milhas para ver a Lua, mas foi a Terra que valeu a pena ver."



ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.